

ÍNDICE

Prefácio	13
1. A lógica do acontecimento	17
2. Para além do texto: o jornal	29
3. Do jornal de ontem ao ecrã de amanhã	43
4. Do entorpecimento do jornalismo	57
5. A vertigem francófona	71
6. Um olhar equívoco	77
7. Que audiovisual público?	93
8. Das problemáticas do jornalismo	103
9. Os média e a exclusão	113
10. O futuro perante o passado...	125
11. Uma certa morte anunciada...	137
12. Um pluralismo muito diverso	153
13. Os três escolhos	163
14. Os equívocos de uma formação	167
15. Dois panoramas contrastados	183
16. Uma afirmação problemática	193
17. Fomentar uma nova dinâmica	209
18. O insustentável dilema	221
19. As núpcias bárbaras	235
20. Duas faces da História	243
21. Repensar a prática jornalística	259
22. Que independência dos média?	263
23. Média e poder político	275
24. Razões que explicam a miséria	283
25. Uma história em perspetiva	295

26. A inconfessável convivência	305
27. Revoluções na continuidade...	311
28. Estratégias que se impõem...	327
29. A desoladora anarquia televisiva	331
30. Da integração à comunitarização	337
31. Interrogações sobre o futuro	343
32. Os média têm de saber resistir	355

PREFÁCIO

A paisagem mediática europeia não era então exatamente um longo rio tranquilo. Até porque, desde os começos do século XIX, as inovações foram-se sucedendo no sector da imprensa e, depois, já no século XX, na rádio e, mais tarde ainda, na televisão. Mas a partir dos anos 1960-70, as inovações tecnológicas foram numerosas e sucederam-se a uma velocidade vertiginosa, provocando aquilo a que alguns ousaram chamar «a revolução dos média». Enquanto os discursos económicos e políticos dominantes evoluíram, eles também, por vezes, de maneira bastante radical. O que teve evidentemente repercussões no campo mediático, na arquitetura das estruturas socioeconómicas e nas formas de conceber a informação em termos jornalísticos.

Uma das primeiras repercussões foi a proliferação dos média: na imprensa periódica primeiro, na diária em seguida¹, depois na rádio e, finalmente, na televisão. Antes que viessem juntar-se a estes média «tradicionais» todos aqueles nascidos da digitalização e da internet. O que provocou uma fragmentação das audiências, uma queda das receitas publicitárias de cada média e uma aceleração vertiginosa da concorrência. Com evidentes consequências importantes na quantidade e na qualidade da

¹ Neste livro fazemos a distinção clássica entre *diário* (publicado pelo menos cinco dias na semana) e *periódico* (publicado menos de cinco dias por semana).

informação vinda a público, nas formas de tratamento da informação e nos contornos que o jornalismo tomou.

Porém, à proliferação dos média sucedeu, como consequência também dos novos discursos dominantes em termos económicos e políticos, um gigantesco movimento de concentração que os fez escapar cada vez mais aos «editores puros» – àqueles cuja atividade única ou pelo menos principal se situava no sector dos média – para entrarem na órbita de meios financeiros e industriais. E então, os critérios técnicos, deontológicos e éticos da profissão, e consequentemente a qualidade da informação proposta aos cidadãos, passaram a ter menos importância e a serem considerados até de somenos importância em relação aos interesses económicos e financeiros dos novos grupos proprietários, interesses estes que se situam antes de mais noutras áreas de atividade.

As noções de liberdade da informação e de liberdade de informar, assim como as de independência da informação e de pluralismo da informação, tomaram assim nova atualidade e uma acuidade particularmente intensa. E é destes diferentes aspetos essenciais à existência de uma autêntica sociedade democrática que tratam os textos aqui reunidos.

Estes textos não têm por origem as mais de mil crónicas sobre a informação, a comunicação e os média publicadas quase sempre semanalmente em publicações belgas (*Pub, Media Magazine, Trends Tendances, Le Vif-L'Express*) e portuguesas (*Público, Expresso e Diário de Notícias*), ou mesmo pontualmente, nos diários bruxelese *La Libre Belgique* e *Le Soir*, no portuense *Jornal de Notícias* ou no parisiense *Le Monde*, nem mesmo dos livros publicados em nome próprio. Provêm antes do mais, com uma ou outra exceção, dos quase 200 textos publicados em obras coletivas e em revistas académicas da área da informação-comunicação ou especializadas na análise política.

Na seleção dos trinta e dois textos que figuram neste livro, a grande maioria das vezes escritos originalmente em francês e editados por vezes em diversas línguas europeias, o critério dominante foi o da informação

jornalística, ao qual veio acrescentar-se o de temáticas que poderiam, dadas as circunstâncias, interessar particularmente o «leitorado» português. Depois da homogeneização ortográfica, procedeu-se a uma homogeneização na formulação dos títulos, subtítulos e intertítulos que não eram necessariamente os mesmos nas edições de origem, cada publicação dispondo naturalmente dos seus próprios critérios nesta matéria. Quando necessário, foram acrescentadas em rodapé algumas notas explicativas sobre pessoas ou instituições estrangeiras evocadas. Não se procedeu, porém, a qualquer atualização das situações socioeconómicas dos média citados e que evoluíram evidentemente com o tempo: isso suporia uma reescrita parcial de aspetos não essenciais dos textos. Convém pois notar as datas em que estes textos foram publicados, datas que figuram no final de cada um deles.

O desenrolar cronológico dos textos não é evidentemente de natureza a evitar que, editados em publicações diferentes em momentos diferentes, haja aqui e ali certos aspetos evocados mais de uma vez. E, por outro lado, há aspetos que numa primeira abordagem parecem dizer mais respeito a um ou outro país europeu estrangeiro em particular: uma leitura extrapolativa permitirá, no entanto, facilmente, assim se espera, compreender melhor certas particularidades do caso português e da situação da informação jornalística em Portugal...

Fundão e Coimbra, janeiro de 2018

Nota final

Para quem foi estudante, investigador, assistente e professor durante mais de 45 anos num país francófono, traduzir os seus próprios textos de francês para português constituiu uma terrível prova, as ideias não se formulando manifestamente da mesma maneira numa língua e noutra. Dificuldade a que veio acrescentar-se a da procura de uma terminologia

técnica especializada. Quando a terminologia em português não corresponde exatamente àquela em francês, optou-se por utilizar o termo em português, seguido entre parênteses retos do termo em francês, em caracteres *itálicos*...